
EMPREENDEDORISMO: UM MODELO DE TRABALHO PARA A CRISE DO CAPITAL

Alice Dias Paulino (UEM)
José Carlos Barbieri (UEM)
Maria do Carmo Amaral Abreu Jorge de Freitas (PPA-UEM/UEL)

RESUMO

O fenômeno *empreendedorismo* tem sido alvo crescente de estudos e pesquisas em diferentes áreas e pode-se constatar que parte dos trabalhos produzidos são orientados por interesses diversos, nem sempre de natureza acadêmica. Sua origem e significado, já no início do século XIX, é atribuído a alguns dos estudiosos sobre desenvolvimento econômico. Entretanto, o tema ganhou espaço e distinção após os anos 20, com os estudos de Joseph A. Schumpeter, economista austríaco, ao interpretar o empreendedor *um impulsionador da economia capitalista*. Para nós é surpreendente, mas também inquietante, a força e a grande promoção dada mundialmente ao tema empreendedorismo nos meios econômicos, em especial após os anos 80. Sob diferentes interpretações e formas de expressão de “*ser empreendedor*”, em diversas áreas de conhecimentos tem-se procurado explicar e justificar o papel do empreendedor na sociedade contemporânea. Nosso propósito e interesse é encontrar algumas respostas que nos ajude a entender a ênfase dada para essa relação empreendedor-(dono)negócio, levando em consideração a história da evolução capital-trabalho. Será a figura do empreendedor um modelo de interesse de um sistema capitalista (em crise)?. Esse texto representa o início de nossas inquietações, uma possibilidade de compreensão dessa nova relação que se impõe no mundo do trabalho e uma oportunidade de produzir algumas reflexões a favor de um espaço de representação psicossocial mais harmônico aos homens de nossa sociedade.

Palavras-chave: Empreendedorismo, Indivíduo-Capital-Trabalho

INTRODUÇÃO

Temos presenciado uma crescente importância nas questões do empreendedorismo principalmente nestas duas últimas décadas. O aumento de estudos e pesquisas na área se justificam, em grande parte, pela busca do conceito de empreendedor ou em discussões sobre seu papel ou relação de importância na gestão de organizações. Por outro lado, muitos dos trabalhos atuais na área, a exemplo de cursos, programas de formação, literatura, estão se apresentando pelo oportunismo em razão do grande destaque dado ao tema.

Um recente levantamento feito em 80 *sites* brasileiros nos alerta que 75 deles enfocavam apenas objetivos de treinamento e quase todas as páginas de internet pesquisadas são de universidades ou empresas ligadas a treinamento empresarial. (Silva, 2000)

Nossa atenção para essa discussão está voltada aos estudos, também não menos volumosos nestes últimos anos, de caráter científico que buscam defender, explicar, justificar esse “fenômeno empreendedorismo” como uma importante variável para o capital.

Por quê o empreendedor é considerado um agente da economia?

Só é empreendedor quem estabelece um negócio? Seu papel limita-se aos fins lucrativos?

Será o empreendedorismo um modelo de interesse à manutenção do modo de produção capitalista, tal como ocorreu com o taylorismo, no início do século XX, ao ser considerado impulsionador do sistema produtivo?

O contato com esse campo de estudos nos abriu oportunidades de questionamentos e dúvidas, levando-nos ao propósito de buscar através da história do desenvolvimento econômico, algumas respostas que nos ajudem a entender essa forte relação do “empreendedor – (dono) negócio”.

DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO: TRABALHO E EMPREENDEDORISMO

O século XX traz uma nova forma de produção: a produção em rede em substituição à produção linear (típicas de Taylor e Ford). Um novo sistema que necessita de respostas rápidas, pois o espaço ganha virtualidade, o mundo caminha para a globalização; não há fronteiras.

Avançamos no tempo, na história, reconhecendo formas de trabalhar mais intelectualizadas, ou seja, o uso de máquinas computadorizadas nos processos produtivos - *o homem a serviço das máquinas*.

Grandes empresas, a exemplo, Toyota, Citröen, IBM, substituem parte de seus operários por robôs, conforme ensaio escrito por Michel Bosquet (1979), em "Le Nouveu Observateur", mostrando essa nova tendência das organizações (De Masi, 1999:62).

Em 1982, pela primeira vez, a revista *Time* abriu exceção em sua matéria de capa, tradicionalmente reservada a figuras humanas, ao colocar a máquina como personalidade de destaque daquele ano, apontando o avanço do microcomputador nos lares americanos (Carmo, 1997).

O que então percebemos como mudança? A era do conhecimento muda o capital, portanto, muda o trabalho. O foco é produzir informação, o trabalho torna-se cada vez mais a geração de idéias. O progresso tecnológico muda a "produção física" para a "produção mental".

Na visão de Domênico De Masi, sociólogo italiano, o lado positivo da sociedade pós industrial está na produção de bens imateriais - informação, serviços, ética e estética.

Segundo o autor, a forma de pensar essa nova sociedade mostra diminuição de pessoas empregando seus esforços em máquinas, em fábricas.

Carmo (1997:49) descreve que neste sistema mais flexível

máquinas universais são capazes de produzir uma imensa variedade de tipos de modelos e pequenos estoques suficientes para as necessidades do momento (...) as empresas estão condenadas a sofrer alterações o tempo todo e a intervalos cada vez mais curtos.

Com esse diferente sistema de produção nasce um “novo perfil” de trabalhador – antes, mão-de-obra, pessoas (semi) desqualificadas, agora, polivalente, trabalhador sabedor de várias tarefas (simples) ou operação de máquinas, por isso, multifuncional. Um outro modelo de organização para o trabalho se apresenta agora mais complexo, interativo, em substituição ao fragmentado, individualizado, que caracterizava o modelo de produção em massa.

Tais mudanças tão significativas e geradoras de grandes modificações chegam a ser caracterizadas como "metamorfoses" no mundo do trabalho por Antunes, defendendo a idéia de que a *sociedade do capital e sua lei do valor necessitam cada vez menos do trabalho estável e cada vez mais das diversificadas formas de trabalho* (Antunes, 2000:10).

Assim definido este quadro de revolução do trabalho, vemos o aparecimento, em escala crescente, de vários outros vínculos constitutivos do processo de produção capitalista, a exemplo, do trabalho parcial ou o *part-time*, o terceirizado, e outros que já não mais se caracterizam como formas assalariadas de trabalho. *Complexificou-se, fragmentou-se e heterogeneizou-se ainda mais a classe-que-vive-do-trabalho* (Antunes, 2000:62).

De Masi (1999) aponta que o *Financial Times* e o Instituto Batelle já temiam uma forte redução dos postos de trabalhos e espalhavam previsões alarmantes sobre o futuro do emprego, diante das questões do avanço tecnológico. Muitos dos estudos realizados neste período já prognosticavam milhões de desempregados para os anos 90 como resultado da revolução microeletrônica.

O mesmo tema polêmico é abordado por Martin e Schumann (Antunes,1999), ao revelarem a realização de uma reunião, "às portas fechadas", com 500 representantes da elite mundial, em 1995, com a proposta de debaterem as perspectivas do mundo para o século XXI. Curiosamente, mostraram que 20% da força de trabalho será suficiente para fazer girar a economia; os restantes 80% da população deverão se contentar com um pouco mais do que pão e circo. Na afirmação dos autores, países prósperos aproximam-se do inferno com seus milhões de desempregados e excluídos.

Os ensaios de Michel Bosquet citados por De Masi (1999), em sua opinião, souberam dar uma oportuna explicação sobre os efeitos da nova forma de produzir sobre o mundo do trabalho, de que o desemprego não seria reabsorvido nessa retomada do crescimento econômico; a era da automação que vivemos, ao contrário de se gerar ocupação, o crescimento a destrói, as empresas demitem, mas não perdem sua capacidade de produzir.

Diante dessas perspectivas, parece-nos que a tecnologia coloca-nos novamente frente ao dilema da "desqualificação profissional" e do desemprego, como presenciado na passagem do fordismo para o toyotismo, na mudança do modelo de produção em massa para o sistema de produção mais flexível.

Fato é que, a terceira Revolução Industrial, iniciada há 25 anos, está rompendo os laços de crescimento da produção e do emprego, negando o dogma keinesiano, que a retomada do investimentos reduz o desemprego (De Masi, 1999:62).

O capitalismo parece não estar conseguindo seguir seu ritmo habitual. As indústrias que alimentaram a prolongada expansão econômica depois da Segunda Guerra Mundial - automóveis, aço, borracha, equipamentos elétricos, eletrônicos de consumo, telefonia e petróleo, após a década de 20, já eram amadurecidas e podiam crescer e gerar empregos com poucos investimentos. Entretanto, fortes e prósperas empresas foram entrando em colapso na década de 70, para quase uma bancarrota (Drucker, 1998).

Aumenta a complexidade quanto ao entendimento das possíveis causas e efeitos de sua crise: menor duração dos ciclos econômicos; crise do petróleo; fim do emprego; crise de super produção do sistema capitalista; o desaparecimento da classe-que-vive-do-trabalho, dentre tantos outros enfoques dados aos estudos contemporâneos.

Para Brenner (Antunes, 1999:12-3), este momento da economia capitalista encontra

suas raízes profundas numa crise secular de produtividade que resultou do excesso constante de capacidade e de produção do setor manufatureiro internacional. Em primeiro lugar, o grande deslocamento do capital para as finanças foi a incapacidade da economia real, especialmente das indústrias de transformação, de proporcionar uma taxa de lucro adequada.

Assim, o surgimento de excesso de capacidade e de produção, torna-se uma das explicações para a perda de lucratividade nas indústrias de transformação, a partir do final da década de 70.

Entender os diferentes períodos do capitalismo em crise, tem sido alvo de estudos desde a origem do desenvolvimento da análise econômica, após 1800. Interessante mencionar que Karl Marx, em 1865, analisando as relações capital-trabalho havia percebido que *a tendência geral da produção capitalista não é de aumentar o nível médio das remunerações, mas sim reduzi-lo, ou achatar o valor do trabalho até seu limite mínimo* (Marx & Engel, 1962:103-152).

Já no início do século XX, com a sistematização do pensamento econômico (terra-trabalho-capital), registram-se importantes contribuições para o entendimento dos processos e comportamentos de mudanças da economia.

Nos anos 20, na URSS, Nikôlai Kondratieff (economista e marxista), em seus estudos de análises estatísticas, demonstrou uma forma de explicação da descendência do capitalismo, resultante dos ciclos de expansão e investimentos seguido por um processo de depreciação (fase de depressão).

Em sua hipótese, Kondratieff conseguiu antever longos ciclos de 50 anos entre ascensão e depressão, momento em que a economia começa a apresentar sinais de estagnação e, conseqüentemente, queda da lucratividade do capital. Tais previsões vieram a se conformar no esgotamento da máquina a vapor (ciclo de 1790-1847), seguido por uma corrida técnico-científica após os anos de 1870, em busca de novas invenções que retomassem o crescimento da economia (Mamigoniam, 1999)

Outros estudos da mesma época aprofundam essa idéia de crescimento-ascensão-declínio da economia mundial, e a obra do economista austríaco, Joseph Alois Schumpeter, considerada uma das mais influentes interpretações do capitalismo em 1912, alcança grande repercussão por sua forma de abordar o crescimento e dinâmica do capitalismo no mundo ocidental.

Defendendo a visão da economia sem crescimento, produto de um fluxo circular, o autor propõe a existência de um fator gerador de novos rumos (lucros) que vai alterar o estado “estático” da economia (em contraposição a tese dos neo-clássicos). Em sua teoria, Schumpeter introduz a figura do *inovador* (...) *uma inovação implica na existência de um inovador, pessoas revolucionárias da produção* – que, em sua visão, constitui-se na essência do capitalismo.

Com essa concepção de economia capitalista, o autor resgata e defende, já no início do séc. XX, que “empreendedores” e sua atividade inovadora, são assim, a fonte de lucro do sistema capitalista (Schumpeter, 1982: 43-66).

Ao retratar um capitalismo de “fluxo circular estático”, “inerte”, Schumpeter defende a idéia que tal ciclo entra em movimento pelo impacto do trabalho do empreendedor. Dotados de um talento inovador – *alguém responsável em combinar os fatores de produção de novas formas* - são os chamados empreendedores que instalam um novo ciclo na economia (lucros) e imprimem uma dinâmica de movimento para a economia, designada pelo autor de “destruição criativa” (Schumpeter, 1982: 09-42).

O que impulsiona o capitalismo, sob essa concepção, são os novos bens de consumo, os novos métodos de produção e transporte, novos mercados e novas formas de organização industrial (fatores responsáveis pelo surgimento de empresas capitalistas). E, é nessa dinâmica, que se destaca a figura do empreendedor (inovador): alguém que assume riscos, que tem recursos pessoais e financeiros, cuja função é “quebrar” a rotina da economia. Prioritariamente, um propulsor e dinamizador do fluxo e desenvolvimento econômico.

O empreendedor assim entendido ... *um agente econômico que traz novos produtos para o mercado por meio de combinações mais eficientes dos fatores de produção, ou pela aplicação prática de alguma invenção ou inovação tecnológica*, conforme descrito por Schumpeter, parece-nos ser uma oportuna estratégia na tentativa de recuperação do atual sistema de produção em crise.

Por outro lado, não há como negar, que os efeitos do desemprego estrutural causam um problema para o sistema capitalista ao provocar uma depressão acentuada do mercado consumidor, comprometendo o processo de valorização do próprio sistema.

Nessa crise já estabelecida, alternativas terão que ser lançadas para continuar garantindo o ciclo mercadoria-dinheiro que caracteriza as relações no capitalismo.

Será, então, a figura do empreendedor uma reação das forças do capital contra a crise e de recuperação das relações capital-trabalho?

A hipótese de uma re(ação) do capital *para tentar amenizar a era das trevas, e não deixar, com ela, desmoronar o admirável mundo do dinheiro* (Antunes, 2000:116), leva-nos a crer na possibilidade de que "ser empreendedor" é uma resposta estratégica que visa minimizar a já instalada crise do sistema capitalista.

Significa, sob nosso ponto de vista, uma possibilidade de resposta ao nosso questionamento e de entendimento sobre a forma difundida do modelo de empreendedorismo com a roupagem do "fazer" (e pouco do "ser"), como estamos presenciando em muitos dos trabalhos atuais sobre o tema.

Portanto, não nos deve causar estranheza, o crescente interesse pelo tema, e o quanto se tem divulgado sobre os pensamentos de autores consagrados (Schumpeter, Drucker, Gerber, Filion), por todo o mundo, em especial na Europa.

Nessa direção, a *International Joseph A. Schumpeter Society*, uma associação internacional científica, criada em 1986, na Universidade de Augsburg, Alemanha, vem promovendo concursos de dois em dois anos sobre o pensamento daquele economista ("Capitalismo e a Democracia no séc. XXI", foi o tema para premiação no ano de 1998).

Ao caracterizar a "economia empreendedora", Peter Drucker (1998) busca desmentir as idéias que, segundo ele, foram transformadas em axiomas ao longo da história e que nos anos 70, apareciam na forma de *slogans* "a economia de crescimento zero", a "desindustrialização do Estados Unidos", a "estagnação Kondratieff"; em sua opinião, estes não eram exemplos do que acontecia com os Estados Unidos. Para Drucker, os fatos mostravam sim, um direcionamento profundo da economia, de gerencial para empreendedora.

Em sua visão, a idéia de uma economia empreendedora (tema de seus estudos desde a década de 50), nasceu com a "fratura histórica" no capitalismo do pós guerra, no abandono do padrão - ouro e nos choques petrolíferos dos anos 70. O empreendedorismo sem ser um dom divino, é algo ao alcance da gente comum que, segundo o autor, pode ser aprendido e organizado sistematicamente.

O desempenho econômico americano, sob análise de Drucker, é único e nada semelhante a outros países quando ele descreve que a Europa Ocidental ao decorrer do período de 1970 a 1984, na realidade perdeu cerca de 3 a 4 milhões de empregos. Comparativamente, segundo o autor, até mesmo o Japão não se saiu tão bem na criação de empregos quanto os Estados Unidos; *...durante os doze anos, de 1970 a 1982, o número de empregos no Japão cresceu em apenas 10 por cento, isto é, menos a metade da taxa americana* (Drucker, 1998: 02).

Acompanhando e analisando a dinâmica da economia americana - "as 500 *Fortune*", entre a década 60 e início dos anos 80, onde comparativamente suas listas demonstravam que havia uma perda de 4 a 6 milhões de vagas, Drucker afirma que de fato, havia sido criado 40 milhões a mais de empregos, no mesmo período (Drucker, 1988:45).

O autor justifica que todos esses novos empregos só poderiam ter sido criados por pequenas e médias empresas privadas (e a alta tecnologia não contribuiu com mais de 5 ou 6 milhões). Apoiando-se no dado apresentado pelo *The Economist*, afirma também que nos anos 90, cerca de 600.000 novas empresa estariam começando nos EUA.

Assim, Drucker entende que a função específica do empreendedor é a inovação, mesmo que surja num negócio clássico, numa instituição pública, numa empresa criada numa garagem, num quarto, ou até numa cozinha. Os empreendedores não se contentam simplesmente em melhorar o que já existe, *eles procuram criar valores novos e diferentes e satisfação novas e diferentes, convertendo um "material" em um "recurso", ou combinar recursos existentes em uma nova e mais produtiva configuração* (Drucker, 1988:45).

Ainda na opinião do autor, *o desempenho americano na criação de empregos durante os anos 70 e início dos anos 80 também contrariou aquilo que todo especialista havia predito vinte e cinco anos antes* (Drucker, 1988:02). Os Estados Unidos estão passando pelo que pode ser chamado de um "ciclo Kondratieff atípico".

Mesmo que sua concepção, em parte, tente descaracterizar o postulado do empreendedor agente da economia, na forma proposta por Schumpeter, sua idéia de que a *inovação e espírito empreendedor, são necessários à sociedade tanto quanto para a economia, e o que precisamos em questão da revolução é de uma sociedade empreendedora* (Drucker, 1988:351), ajuda-nos a compreender e a reafirmar que o fenômeno empreendedorismo desempenha um importante papel na sustentação da crise capital-trabalho.

Acompanhando essas tendências de discussão sobre o tema, o autor de *The E-Mith Revisited*, Michael Gerber, publica em 1986 nos Estados Unidos sua primeira obra, com a proposta de "desmontar" o mito em torno do empreendedor, que segundo a crença popular, é aquele que monta seu negócio só para fugir do patrão e trabalhar por conta própria.

Suas idéias se espalham pelos pequenos proprietários em países como Austrália, Canadá, Espanha, Nova Zelândia, Japão, México, Indonésia e claro em quase todas as importantes cidades dos Estados Unidos, colocam-no rapidamente em evidência e promovem sua obra a *best seller*.

Atualmente presidente da *Gerber Business Development Corporation*, empresa fundada em 1977, o autor defende que "a verdadeira oportunidade são as pequenas empresas". Com o lançamento do "Mito do Empreendedor - revisitado", em 1996 (dez anos após o primeiro livro), tornou-se ainda mais conhecido como o autor do "kit de sobrevivência da pequena e micro empresa", e "a voz de pequenos negócios na América".

Em suas discussões, Gerber introduz o conceito de *personalidade empreendedora – o empreendedor é a personalidade criativa; sempre lidando melhor com o desconhecido, perscrutando o futuro, transformando possibilidades em probabilidades, caos em harmonia* (Gerber, 1996:31).

Mesmo diante dessa tentativa de ampliar sua definição com características psicossociais e propor maior abrangência para o perfil do empreendedor, parece-nos que o autor reafirma a estreita ligação entre o empreendedor e negócio, ao discutir a "revolução chave-na-mão" e definindo a franquia como uma nova visão de negócio *...capaz de transformar uma situação caótica para uma situação de ordem, animação e crescimento contínuo (...) um modelo perfeitamente equilibrado de um empreendimento que funciona* (Gerber, 1996, p:73).

O exemplo descrito de Ray Kroc (franqueador da marca McDonald's), considerado pelo autor um "empreendedor nato" (Gerber, 1996:76), ainda assim, não o faz abandonar a possibilidade de que se pode aprender a empreender, e de sair em defesa de seu *programa de desenvolvimento para o empreendimento*, um guia composto por sete etapas distintas a caminho da efetivação de um negócio próprio.

Gerber, ao concluir, "devolvendo o sonho ao empreendedor americano", afirma que seu livro não é apenas uma receita para o sucesso: é uma convocação para a luta. Seu trabalho ganha força no mundo dos negócios, quando o próprio autor justifica o fato de que os

pequenos proprietários têm um verdadeiro e profundo papel que a perspectiva empresarial está tendo na reinvenção da economia e da cultura mundiais (Gerber, 1996:204 e 213).

Um outro dado de relevância para nossa discussão é colocado por Filion (1997), ao afirmar que o final dos anos 80 marca uma virada, com a qual o empreendedorismo se torna um tema de estudos em quase todas as áreas do conhecimento. Vários pesquisadores recolocaram em questão a importância de se continuar a desenvolver tantas pesquisas para se saber "quem é o empreendedor?" Eles propuseram que a questão central da pesquisa fosse: "o que faz um empreendedor?"

Interessante observar que dos 25 temas citados por Filion, aqueles que mais comumente suscitaram pesquisas sobre empreendedorismo ao longo dos anos 90, evidencia-se 80% dessas pesquisas em temas ligados à economia: criação e desenvolvimento de empresas, processo das PME, tecnologia, redes de trabalho, incubadoras, parcerias estratégicas, franquias, políticas de incentivo; as demais pesquisas (a minoria) se concentram em características comportamentais e gerenciais, cultura, educação e outros estudos comparativos sobre os processos de empreendedorismo.

Nessa direção, as pesquisas vêm colaborando para mostrar um quadro otimista, sob o ponto de vista econômico, do "espírito e papel empreendedor" mundial, a exemplo da divulgação feita em fevereiro/2001, na página da *Economiabr.Net* (de fonte, *USA Today*).

A referida pesquisa, "*Global Entrepreneurship Monitor- 2000*", que examina a relação entre o espírito empreendedor e a atividade econômica em todo o mundo, mostra o Brasil, entre 21 países pesquisados, liderando com 12,3% o percentual de adultos que abrem um negócio próprio. Na segunda posição aparece os EUA, com 9,8%, seguidos pela Austrália com 8,1%; Canadá e Argentina em torno de 6%, e o Japão em último, com 0,9%.

Além de apontar o brasileiro como o povo mais empreendedor, o referido relatório sugere que economias dependentes da agricultura tendem a criar grandes empreendedores, como verificado no caso do Brasil. Soma-se ainda o fato de que 1 em cada 8 adultos brasileiros está tentando investir num negócio próprio (índice que supera os Estados Unidos, onde 1 em cada 12 adultos está abrindo seu próprio negócio).

Esse dado coloca-nos frente à uma situação de estudos sobre o tema no Brasil, não tão diferente ao que já relatamos dos Estados Unidos e Europa.

Ronald Degen, engenheiro brasileiro, ao ministrar a disciplina *Novos Negócios*, entre 1981-87, na Fundação Getúlio Vargas/SP, influenciou instituições e a livre iniciativa a uma cultura empreendedora, o que lhe deu o título de criador do primeiro curso na área de Empreendedorismo no Brasil.

Defendendo que o sucesso do empreendedor não depende de sorte, mas sim da aplicação sistemática de técnicas gerenciais sintonizadas para a criação e o desenvolvimento de novos empreendimentos, Degen propõe que as empresas precisam manter sua vitalidade empreendedora desenvolvendo novos negócios com o objetivo de crescer e não se tornarem obsoletas.

Em seu livro "O Empreendedor", publicado em 1989, são analisados todos os aspectos necessários à criação e o desenvolvimento de um negócio próspero, abordando estudos de casos de empresas nacionais. Em formato manual, o autor descreve os estágios de crescimento

de uma empresa empreendedora, incluindo etapas que vão desde a identificação e exploração das oportunidades, passando por conceitos de nichos de mercado, administração de baixo risco, alto risco, diversificação de negócio, até à capacidade de gerenciamento. Acrescenta ainda, fórmulas para identificar novas oportunidades, na tentativa não só de conduzir, como manter (vivo) o empreendedor-dono do negócio.

Nem surpreendente, nem construído de conceitos, sua contribuição talvez esteja apenas em produzir um "kit" nacional para os novos proprietários de micro, pequenas empresas, acompanhando o cenário brasileiro nesse campo de estudos.

E é dentro desse mesmo enfoque que encontramos o destacado trabalho de Fernando Dolabela, advogado e administrador, que desde 1993 vem se envolvendo com o tema, inicialmente, na Universidade Federal de Minas Gerais-UFGM. Para ele, a tarefa do empreendedor é aplicar técnicas gerenciais sintonizadas, em busca do novo, por isso sua preocupação com o empreendedor está bastante ligada ao fator de abertura e sobrevivência do empreendimento.

Dolabela é o criador de uma metodologia de ensino de empreendedorismo e, em 1996 lançou, através do CNPq-Softex, um programa nacional de disseminação da cultura empreendedora nos cursos de graduação em informática.

Também não nos causa estranheza, diante dos dados já relatados da história capital-trabalho, que a ênfase dada em seus estudos esteja para o desenvolvimento de programas de incubadoras tecnológicas, área com forte ligação ao fator inovação (a era da tecnologia e das empresas *E-Commerce*).

Sua obra, "O Segredo de Luísa", lançada em 1999, pretende desafiar o mito de que empreendedor já nasce feito e tenta mostrar que qualquer pessoa pode usar os seus próprios recursos para criar uma empresa, para aprender a conhecer e selecionar as ferramentas e os instrumentos necessários à gerência e sobrevivência de um negócio; (...) *Um empreendedor é um indivíduo de cria uma empresa, qualquer que seja ela* (Dolabela, 1999).

Sob nuances romaneadas, *o empreendedor sempre quer realizar seus próprios sonhos. É alguém que busca incansavelmente a auto realização*, Dolabela, defende alguns valores como "prazer de trabalhar" e "realização pessoal", entretanto, sua obra com características de manual, ensina detalhadamente como fazer um plano de negócios - sua mais importante ferramenta. O autor deixa claro sua intenção e empenho em mostrar e estimular o espírito empreendedor como um fenômeno cultural.

É possível ensinar alguém a ser empreendedor? Uma das maneiras de responder a essa pergunta é com outra pergunta: É possível ensinar alguém a ser empregado? (Dolabela, 1999).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos até aqui diante de um conjunto de conceituações e dados de pesquisas, momento oportuno para retomar à questão posta por Antunes (2000): a classe-que-vive-do-trabalho estaria desaparecendo?, ou estaria tomando uma outra forma através do modo-de-ser-empreendedor?

Os países europeus estão sob pressão crescentes para criar adicionais para uma força de trabalho em crescimento. Esse adicional (força) não poderá ser apenas direcionado para a capacidade empreendedora de "alta tecnologia" por apresentar um longo período de espera entre o investimento e a lucratividade (Drucker, 1998: 352).

Aqueles que perderam emprego nestas últimas décadas, grande parte vindas dos operariados das fábricas (Drucker, 1998:354), não têm capacidade suficiente, como pessoas ou como grupos, para se ajudarem, mas podem se tornar uma força puramente negativa se a sociedade não tiver alternativas que os recolorem.

Estamos vivendo em um contexto onde mais de 50% das pessoas devem procurar um *emprego* se quiserem trabalhar; a concorrência internacional aumenta a cada dia. Para Filion, ao menos uma pessoa em cada duas deverá aprender a assumir o papel do empreendedor se ele pretende encontrar emprego. Com esse argumento, o autor justifica seu *know-how* e capacidade de formar atores em empreendedores. A variedade desses atores, empreendedores em crescimento, trabalhadores autônomos, proprietários-dirigentes de PME e outros, necessitam de abordagens variadas e ajustadas a cada um desses segmentos. (Filion, 1998)

Assim, o trabalho de Dolabela também desperta para a realidade de que, num mundo sem empregos, é essencial apresentar uma alternativa aos jovens, estimulando neles o espírito empreendedor e dando-lhes instrumentos para encontrar seu lugar no mercado.

Reconhecemos que conceitualmente o empreendedorismo em busca de suas definições (quem é, como pensa e age o empreendedor), vem tomando outras direções daquela originalmente dada pelas escolas de pensamento econômico, a partir do século XVIII.

Cumpramos mencionarmos que vários são os autores, estudiosos economistas ou de outras área, que expressam discórdias sobre o tema. Nem mesmo os autores referenciados (Schumpeter, Drucker, Filion, Gerger, Degen, Dolabela) demonstram que exista uma teoria, ou que reúnem conceitos fundamentados (econômicos ou não) ou um modelo econômico, que expliquem o desenvolvimento a partir da função empreendedora.

Parte desses autores, a exemplo de Filion e Drucker, até afirmam que os empreendedores como hoje estudam (espírito empreendedor, intraempreendedor), pouco tem a ver com o "perfil" defendido pelos primeiros economistas.

Também não foi o nosso propósito discutir um perfil ou modelo do empreendedor. Buscamos nesta discussão encontrar indícios que, à luz da própria história e evolução capital-trabalho, nos apontasse o sentido dado ao empreendedorismo, assim tomado como um evento meta-econômico, e que ao nosso ver, se caracteriza como um movimento promovido e de interesse de um sistema capitalista (em crise).

Desde o início dos anos 80, mais de trezentos livros e cem artigos são publicados a cada ano, em uma centena de revistas, dentre as quais, umas 20 são revistas especializadas em empreendedorismo e em PME, conforme constatado por Filion (1998) em suas pesquisas.

Se para os economistas o empreendedorismo é uma função, acreditamos que ela vem cumprindo bem com o seu papel no âmbito da economia mundial. O interesse (e incentivo) dado ao tema (pesquisas, consultorias, livros), abrangendo até esferas governamentais (Estados Unidos, França, Suécia, Canadá, Finlândia), e educacional (Grã-Bretanha, Escandinava, Brasil), como registrado por Filion (1998), pode fortalecer nossa hipótese de

que ser empreendedor - dono do negócio é o caminho para criar seu próprio posto de trabalho no século XXI.

Será essa a resposta dada pelo mundo capitalista? Parece-nos que a palavra de ordem no momento é ser empreendedor: criar um empreendimento, seu próprio “posto de trabalho”. Vivemos um presente com a obrigatoriedade do perfil profissional "inovador", "empreendedor". Estamos, talvez, diante de uma nova classe-que-vive-do-trabalho (não emprego) – constituída por pessoas que montam seu próprio negócio.

As inquietações não param por aqui. Por quanto tempo esse "modelo de trabalho" (não assalariado) funcionará nessa crise do capital? Quais suas implicações e quem ou como serão as exclusões provocadas dentro do contexto psicossocial e político-econômico?

Sem dúvida, diante da grandeza do tema estamos frente a mais um grande desafio, dentre tantos, que se impõe nas relações sociais e psicológicas do ser humano e no mundo do trabalho contemporâneo – um dos mais importantes espaços de representação social e de cidadania.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **Os sentidos do trabalho:** ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.

CARMO, Paulo S. **Tecnologia e trabalho:** a máquina substituirá o homem? In Trabalho em Debate (Org. Marcia Kupsta), São Paulo: Moderna, 1997.

DE MASI, Domênico. **Desenvolvimento sem trabalho.** São Paulo: Ed. Esfera, 1999.

_____. **A emoção e a regra -** os grupos criativos na Europa de 1850 a 1950. Rio Janeiro: José Olympio, 1999.

DEGEN, Ronald J. **O empreendedor.** São Paulo: McGraw-Hill, 1989.

DOLABELA, Fernando C. Chagas. **O segredo de Luísa.** São Paulo: Cultura, 1999.

DRUCKER, P. **Inovação e espírito empreendedor.** São Paulo: Pioneira, 5ª ed. 1998.

FILION, Louis J. **O empreendedorismo como tema de Estudos Superiores** (palestra proferida em 1998, no Seminário "A Universidade formando empreendedores- Escola de Altos Estudos Comerciais de Montreal). Disponível em: < www.epa.adm.br>. Acesso em: abril.2001.

GERBER, Michael E. **O mito do empreendedor revisitado:** como fazer de seu empreendimento um negócio bem sucedido. São Paulo: Saraiva, 1996.

MAMIGONIAN, Armen. **Neodarwinismo social e múltiplas tensões no capitalismo em crise**. São Paulo: Revista ADUSP, outubro 1999, p:36-40.

SCHUMPETER, J.A. **A Teoria do Desenvolvimento Econômico**. São Paulo: Nova Cultural, 1982.

SILVA, Daniel N. **O empreendedorismo como modismo universitário**, artigo Disponível em:< www.epa.adm.br>. Acesso em: Abril.2001

International Joseph A. Schumpeter Society. Disponível em:<www.wiso.uni-augsburg.de/vwl/hanusch/iss.htm>. Acesso em Junho.2001